

Um Farol nos Estudos Organizacionais Brasileiros

Luiz Alex Silva Saraiva

Temos observado preocupados, com um sentimento entre a estupefação e o horror explícito, perniciosas indicações de que há um jeito “certo” de pensar na nossa academia, associado às ideias de ordenamento, progresso, resultados positivos, enfim, que tratam o social como uma engrenagem perfeitamente ajustada e amplamente submetida à égide econômica. Tal posição, abertamente comprometida com uma forma única de pensar, “mais correta” do que as demais, tem se tornado mais comum, perigosamente “normal”, e “esperada”, para o que precisamos ficar atentos e resistir. Falamos aqui de algo visceralmente necessário na universidade: a pluralidade. Observamos espaços cada vez menos abertos ao debate, espaços em que a quantificação se sobrepõe ao argumento, as métricas à argumentação, a repetição à inovação, enfim.



Esse processo tem sido acompanhado por um empobrecimento das instâncias de debate e, mais preocupante ainda, pelo aviltamento do próprio debate em si, considerado crescentemente acessório em um quadro que se pretende seguro, certo e preciso, voltado apenas à confirmação dos interesses do capitalismo, de suas organizações e mecanismos. Contra essa visão de mundo que sorrateiramente – ou nem tanto – tem se instalado ao longo dos anos na academia é que este periódico se coloca, servindo de voz a todos os interessados em problematizar a complexa interface entre organizações e sociedade sob uma ótica não funcionalista.

Já nos adiantando às críticas, sabemos que deixar de fora uma corrente, ainda mais sendo ela a dominante, não é privilegiar uma ampla “pluralidade”. Aceitamos essa crítica, mas temos ressalvas. Para nós, excluir os estudos funcionalistas do foco e do escopo deste periódico é uma decisão claramente política. Em face da ampliação dos fóruns em que o funcionalismo e seus problemas podem ser levados a cabo, consideramos que precisamos reforçar é a outra margem, a dos que discordam dessa perspectiva e que por isso são punidos, impedidos de tornar públicas as suas ideias.

Nesse sentido, a pluralidade que buscamos considera o “outro” pensar como mais uma possibilidade, e não como algo “alternativo”, “paralelo” e outros adjetivos do gênero, que só reificam a via hegemônica. A base aqui é o comprometimento com

a sociedade e suas interfaces com as organizações. Estas se inserem no contexto social, não o subjugando, sendo-lhe, portanto, necessariamente devedoras. Este é o espírito desta revista.

POR QUE “FAROL – REVISTA DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE”?

Ano após ano, na semana de integração, evento em que são recepcionados os novos mestrandos e doutorandos do Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais, deparamo-nos com um fenômeno no mínimo curioso. No momento em que os professores ditos “alternativos” apresentam seus projetos e interesses de pesquisa, as disciplinas por eles lecionadas e sua visão de mundo, há murmúrios de surpresa e de aprovação. Os estudantes invariavelmente manifestam curiosidade e interesse, independente de terem sido aprovados na linha de Estudos Organizacionais e Sociedade. Isso sugere muitas leituras, mas a que adotamos se relaciona à obra e Sagan (1996), *O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro*.

Neste livro, o argumento básico do autor é o de que vivemos em uma era de trevas, em que predominam a credulidade e ausência de crítica por conta de uma certa incapacidade da ciência, enquanto conhecimento, de se aproximar das

peças e fazer-lhes ver que é necessário adotar uma perspectiva mais crítica para compreender o mundo que as cerca. A ciência, assim, seria metaforicamente uma vela, um pequeno ponto de luz e de resistência em meio a charlatões que professam meias verdades – quando não mentiras mesmo – por meio de algo que parece ser ciência, mas que não o é.

Tomamos emprestado o argumento da escuridão, mas em um outro sentido. Conforme a abertura do texto, estamos imersos em um quadro desolador, no qual se espraia uma estranha ditadura, nos termos de Forrester (2001), o pensamento único, que condena sumariamente, sem direito à apelação, qualquer possibilidade de questionamento da ordem vigente, em qualquer nível. Quando isso se dá em um campo específico como o dos estudos organizacionais, o embate parece ainda ser mais encarniçado. Já que este campo de conhecimento, ainda que seja interdisciplinar, é fortemente associado à área de Administração, o “braço armado da economia” (AKTOUF, 2004), parece ser um equívoco crasso mesmo a simples possibilidade de conceber algo que não seja estritamente favorável à acumulação do capital.

Contra esses se colocam argumentos de que são críticos “demais” – sem que se saiba o que é ser crítico o suficiente, se é que os partidários da manutenção do sistema o são – de que são “ideológicos”, como se fosse humanamente possível

falarmos de um lugar que não seja ideologizado em algum nível, de que não são “construtivos” o suficiente, como se contribuir para o ordenamento e o avanço fosse inexorável, e, por fim, de que não são “colaborativos” como a maioria, o que implica subordinação a cânones rigorosamente inquestionáveis, já que o capitalismo é tomado como algo inevitável, ao que temos de nos adaptar, inclusive no pensar.

Este é um quadro de trevas, de uma perigosa escuridão que reserva um lugar periférico a todo aquele que ousar pensar em uma sociedade mais justa, e em um conhecimento que sirva a esta sociedade sem necessariamente ser regido por uma lógica economicista. Precisamos parar com a naturalização desta noção, que transforma, quase que “naturalmente”, uma parte da comunidade acadêmica em “os outros”, os “alternativos”, os “modernos”, os “comunistas”, e assim por diante, um interdiscurso perverso que reserva a “normalidade”, essa invenção, aos que se mantêm de acordo com o fluxo dominante de pensamento, portanto, alinhados aos interesses de manutenção do sistema. Aos demais, a anormalidade, o estigma de ser diferente.

Contra essa escuridão, propomos um farol. Em que pese a possível pretensão do nome, o sentido é, precisamente, o de irradiar luz, iluminar caminhos, permitindo a emersão de possibilidades que hoje se encontram nas sombras de uma era

fadada a apenas manter tudo como sempre esteve. As luzes que aqui apresentamos não sugerem que só agora tais caminhos merecem ser observados, muito pelo contrário: reconhecemos uma tradição de luta e de insubordinação acadêmica, a qual muito valorizamos, em muitos de nossos colegas, insatisfeitos em tomar o mundo tal como ele nos é apresentado. Mas que agora há mais um meio – e um forte e expressivo canal, apostamos – de expressão de conhecimento não gerencialista, portanto crítico das relações entre estudos organizacionais e sociedade.

Este, aliás, é o subtítulo da revista, algo que nos é particularmente caro. E não apenas porque este é o nome da linha de pesquisa no mestrado e no doutorado do CEPEAD/UFMG, e o nome do núcleo de pesquisa ao qual a revista se liga. Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade é uma publicação do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade – NEOS, coordenado pelo professor Alexandre de Pádua Carrieri e subcoordenado por mim. Mas, principalmente, porque não entendemos a possibilidade de qualquer organização ser minimamente concebida sem ser tomada como algo essencialmente social. Sua dinâmica espelha, assim, a dinâmica da sociedade, mesmo que lhe seja imputada uma racionalidade estritamente econômica, e que tudo aponte para a razão em detrimento de qualquer outra coisa. A organização é, predominantemente social. Por isso, quando no subtítulo o periódico é qualificado como “Revista de Estudos

Organizacionais e Sociedade”, é definido, de forma inequívoca, que é essa interface o grande foco do periódico. Não nos interessa a sociedade apenas, e tampouco a organização em si, mas justamente os limites – não claros, felizmente – entre uma e outra.

Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade chega em um momento de reformulação no NEOS, uma fase em que, o grupo parece ter adquirido maturidade suficiente para oferecer à comunidade acadêmica um espaço de expressão plural, que abra caminho para produções e contribuições variadas que eventualmente não tenham espaço na maior parte dos periódicos de Administração. Enxergamos, na criação deste periódico, uma oportunidade de entendimento de que a organização e suas interfaces com a sociedade podem ser problematizadas em diferentes níveis, e sob distintos pontos de vista, sem que isso seja “contra-producente”, “desconstrutivo”, ou nenhum adjetivo de sentido pejorativo empregado pelo *mainstream*.

Já há algum tempo acalentávamos, em discussões no âmbito do NEOS, o desejo por um espaço mais aberto do que os que aí estão. Como em diversos aspectos nossos estudos são diferentes, inovadores, contra intuitivos, nem sempre conseguimos torná-los públicos em um nível mais amplo do que nos eventos em que

eventualmente os apresentamos. Mas não é apenas por isso que foi criada a Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade.

Propomos, com esta revista, mais do que a necessária abertura a diálogos, no plural, legitimar um novo espaço de discussão, que ponha em pauta questões variadas de interesse da comunidade ibero-americana de estudos organizacionais. As formas de dialogar são bastante diferentes entre si, conforme falaremos adiante, mas trazem em comum a possibilidade de ampla expressão, algo que nos parece fundamental e que não tem sido tão observado em muitos fóruns.

Procuramos fugir, a todo custo, de uma espécie de “engaiolamento” do pensamento, que favorece uma determinada forma de expressão como a mais adequada apenas por ser a expressão dos desígnios hegemônicos vigentes. Encaramos como um desafio, mesmo entre os pesquisadores não funcionalistas, pensar “fora da caixa”, já que nossa formação e sociedade foram desenhadas para garantir a resignação frente a um sistema que “sempre esteve aí” e que não mudará por nossa causa. Recusamos isso, propondo a resistência como forma de viabilizar mesmo a nossa existência – na academia e fora dela.

E tal resistência passa pela recusa a toda forma de gerencialismo, de adoção de uma postura crítica com relação a qualquer fenômeno que, na interface entre organizações e sociedade, proponha, de maneira desproblematizada resultado, *performance*, competição, lucratividade, como elementos “naturalmente esperados”. Essa perspectiva instrumental do *management* não esgota o que são os estudos organizacionais. Os estudos organizacionais são maiores do que a Administração porque não se limitam à ideia de gerenciar o que quer que seja. Com isso queremos dizer que se a dimensão operacional das organizações é indiscutivelmente importante, mais importante ainda é o que está além da administração, a força dos aspectos humanos em suas múltiplas interfaces no ambiente organizacional.

Privilegiamos, nessa revista, a produção de conhecimento politizada, que não nega o pressuposto de que quem produz conhecimento, o faz a partir de um determinado lugar, que tem a ver com sua origem, sua experiência, cognição, com a história e relações sociopolíticas, só para ficar em alguns aspectos. Isso dirige naturalmente o periódico a um compromisso com debates de alto nível, próprios de quem, por questionar o mundo que nos cerca, o toma sob diversos prismas de análise.

Esperamos que Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade represente crescentemente uma via interessante, sólida, diferente, provocativa e atrativa aos pesquisadores de estudos organizacionais, o que, no caso do Brasil, significa abrir caminho entre os periódicos de Administração que tem apenas seções de estudos organizacionais ao propor um veículo exclusivamente voltado para estas discussões. Particularmente, significa chamar a atenção dos colegas que publicam seus textos no Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais (CBEO), evento da Sociedade Brasileira de Estudos Organizacionais (SBEO), e em encontros da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração (ANPAD), como o Encontro de Estudos Organizacionais (EnEO) e o Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração (EnANPAD), além de outros fóruns no país, para que não apenas conheçam mas que reconheçam nossos esforços rumo a outras possibilidades de conhecer a relação entre organizações e sociedade.

NOSSAS SEÇÕES

Para realizar o intuito apresentado, Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, possui dez modalidades de contribuição, partindo do entendimento de que, como as interfaces entre as organizações e a sociedade

são complexas, nada mais natural do que haja múltiplas formas de discutir tais relações.

Podem ser apresentadas, em fluxo contínuo, propostas de Capas, Artigos, Ensaio, Debates, Provocações, Entrevistas, Depoimentos, Resenhas (de livros, de filmes, de exposições, e de *performances* artísticas), Registros fotográficos e Vídeos. Todas as propostas são bem-vindas. Todavia, como já mencionado, em virtude do foco e do escopo da revista, todo o material submetido passará por uma triagem inicial (*desk review*), a fim de verificar sua aderência à linha editorial. Havendo aderência, o processo editorial tem início, de acordo com as particularidades de cada modalidade.

Para sermos explícitos a respeito de foco e escopo neste editorial, Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, “busca fomentar, propagar e contribuir para os estudos organizacionais em uma ótica não-funcionalista. Nesse sentido, este periódico constitui um espaço interdisciplinar, aberto para que se possa discutir e propor temáticas, abordagens críticas e inovadoras e objetos não ortodoxos nos estudos organizacionais. A ideia é que, a partir de uma perspectiva plural dos pontos de vista ontológico, epistemológico, teórico e metodológico, e não pautada pelo gerencialismo, seja possível propor, discutir, criticar e teorizar para

a compreensão da complexa dinâmica da sociedade e suas interfaces com as organizações¹.

Neste primeiro número, convidamos os coordenadores de núcleos de pesquisa brasileiros que tinham em comum o fato de lidarem com as interfaces entre organização e sociedade, para que escrevessem textos onde registrassem, da forma que preferissem, as bases teóricas, trajetória ou perspectivas que orientam seus trabalhos. O desafio que lhes foi proposto foi escrever sobre “a luz que os guia” e, para nossa felicidade, vários deles aceitaram o desafio.

Antes dos textos, na seção *Capa*, contamos com a contribuição de Vitor Drumond, a quem muito agradecemos, pois além de ter sido o responsável pelo *layout* e diagramação da revista, também assumiu a tarefa de escrever a respeito da imagem do primeiro número, no texto *Luzes para a autonomia*.

No primeiro dos ensaios, *Alexandre de Pádua Carrieri*, coordenador do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade (UFMG), discorre sobre *As gestões e as sociedades*, apresentando o grupo responsável por Farol – Revista de Estudos Organizacionais, uma iniciativa interdisciplinar que concentra suas atividades

¹ Disponível em

<http://revistas.face.ufmg.br/index.php/farol/about/editorialPolicies#focusAndScope>.

na investigação de fenômenos organizacionais e sociais, procurando construir interfaces entre as áreas da Teoria Organizacional e o Pensamento Social. Para ele, na nova fase do grupo, regida pela linha temática A história da vida organizada e da gestão ordinária, a vida é encarada sob uma forma histórica de múltiplas relações de poder que perpassam caracterizam, constituem o corpo social, tal como para Foucault (2000).

José Henrique de Faria, em Economia política do poder em estudos organizacionais, título do mesmo nome do grupo de pesquisa que coordena na Universidade Federal do Paraná, o EPPEO, sustenta que o grupo procura desenvolver uma teoria crítica das práticas organizacionais (públicas e privadas) a partir das relações de poder, dos mecanismos de controle na gestão dos processos de trabalho pelas unidades produtivas, das políticas do Estado Capitalista Contemporâneo e dos critérios de justiça na formulação e execução de políticas públicas, em diversas linhas de pesquisa, sendo todas as suas atividades do EPPEO orientadas pela crítica intransigente a toda a forma de autoritarismo e a defesa de uma sociedade democrática e emancipada.

Em Poder, diferença e subjetividade: a problematização do normal, Eloisio Moulin de Souza, coordenador do Grupo de Estudos sobre Poder em Organizações (GEPO), da Universidade Federal do Espírito Santo, ao apresentar principais conceitos,



temas, autores e pesquisas trabalhadas pelo referido grupo, deixa clara a ruptura com o *mainstream* funcionalista em estudos organizacionais à medida que seus pesquisadores criticam as relações de poder e saber que produzem o “normal” e o “diferente” por meio da construção discursiva de categorias identitárias, e problematizam aspectos epistemológicos e ontológicos relacionados aos estudos organizacionais.

Com o propósito de apresentar as trajetórias teórico-metodológicas do Laboratório de Psicodinâmica e Clínica do Trabalho (LPCT) da Universidade de Brasília, criado em 2007, e do ESCOPO – Grupo de Estudos dos Coletivos de Trabalho e das Práticas Organizacionais, fundado em 2013, *Ana Magnólia Mendes* e *Fernando de Oliveira Vieira* redigiram o texto *Diálogos entre a psicodinâmica e clínica do trabalho e os estudos sobre coletivos de trabalho e práticas organizacionais*. Neste ensaio, os autores introduzem os da perspectiva clínica e crítica para apreensão da relação trabalho, saúde e de gestão e, em seguida, descrevem de modo breve os referenciais teóricos usados por cada núcleo, bem como suas parcerias e diálogos. Os núcleos tem como propósito os processos psicodinâmicos do trabalhar, que permite a emergência das vivências de prazer/sofrimento, os rebatimentos na saúde/doença mental e nos processos de subjetivação, sendo privilegiado como método a clínica do trabalho, que tem como alvo a emancipação do trabalhador e a mobilização política dos coletivos de trabalho.

Elisa Yoshie Ichikawa, em *O grupo de estudos organizacionais: uma história entre outras histórias*, assume um tom de relato franco, no qual procura contextualizar a atuação do Grupo de Estudos Organizacionais (GEO) da Universidade Estadual de Maringá (UEM) no cenário das pesquisas afetas à área de estudo organizacionais. Para tanto, efetua um resgate das origens do grupo, dos temas desenvolvidos e suas áreas de investigação e orientações teóricas atuais. A autora alerta que, por se tratar de um grupo pertencente a um programa de pós-graduação ainda relativamente pequeno, ele tem um perfil multifacetado, e por isso mesmo, não se caracteriza por ter uma orientação claramente "não funcionalista", embora se norteie por preocupações que, por vezes, estão fora do *mainstream* da Administração.

No texto *Produzindo outras subjetividades nos estudos organizacionais brasileiros*, *Susane Petinelli-Souza* e *Mônica de Fatima Bianco* apresentam e discutem a história do NETES (Núcleo de Estudos em Tecnologias de Gestão e Subjetividades), da Universidade Federal do Espírito Santo, que desde o início das suas atividades teve como embasamento para as suas pesquisas as tecnologias de gestão e as subjetividades. Para acessar a trajetória do grupo as autoras levantaram documentos sobre acontecimentos e a própria produção do grupo de pesquisa. Foi realizado um resgate de obras fundamentais sobre tecnologias de gestão e subjetividades, tendo sido evidenciados os saberes produzidos no NETES, bem como alguns temas

considerados importantes atualmente, um quadro no qual rigor metodológico e ousadia, análise e crítica fazem parte da postura ético-política deste grupo de pesquisa.

No último dos textos deste número, *O Grupo de pesquisa Organização e Práxis Libertadora*, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul assina um documento com o mesmo nome do grupo. Neste ensaio, é levantada a trajetória do grupo, e apresentados os caminhos teóricos e empíricos orientados pela busca de um conhecimento organicamente vinculado às práticas organizacionais de movimentos e grupos comprometidos com a libertação. Neste processo, os autores questionaram os conceitos dos Estudos Organizacionais, ampliando sua abrangência pela reflexão acerca das lutas sociais e referenciais que permitem compreender os movimentos da sociedade em seu devir histórico. Atualmente, encerrando um ciclo sobre o tema do desenvolvimento, o grupo caminha na direção de uma “crítica à economia política da organização”, uma de suas novas frentes de reflexão.

Terminamos esse editorial desejando que Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, ao propor diminuir a escuridão reinante nos estudos organizacionais, possa ser vista como um alento, permitindo que se possa pensar sem “o peso” de “ser diferente”, de não estar “encaixado” nas regras

dominantes. Este é convite aberto e perene à liberdade do pensamento, bem como às contribuições da nossa comunidade.

As portas estão, portanto, abertas! Sejam todos muito bem-vindos! Vida longa – e muito longa – à Farol!

REFERÊNCIAS

AKTOUF, O. Pós-globalização, administração e racionalidade econômica: a síndrome do avestruz. São Paulo: Atlas, 2004. 304 p.

FORRESTER, V. Uma estranha ditadura. São Paulo UNESP, 2001. 192 p.

FOUCAULT, M. Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2000. 396 p.

SAGAN, C. O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 442 p.

Como citar esta contribuição

SARAIVA, L. A. S. Um farol nos estudos organizacionais brasileiros. Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 1-18, jun. 2014.

